

A CONSTRUÇÃO DE UM SANTO

AUTORA: LÊDA CRISTINA CORREIA DA SILVA
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Este texto é resultado de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida no Santuário de Frei Damião, no Convento de São Félix de Cantalice em Recife, vinculada ao grupo de Pesquisa História e Religiões, do Departamento de História da UFPE, sob a orientação da Prof. Dra. Sylvana Maria Brandão de Aguiar. Para tanto, nosso eixo principal de pesquisa é a História Social da Cultura, pela qual buscamos compreender a prática católica da devoção e romaria.

A romaria, de acordo com Marcelo J. S. de Oliveira, é uma forma de os peregrinos se comunicarem com o sagrado.¹ Ela representa a purgação dos pecados e o alcance de um objetivo_ pagamento da promessa e renovação da fé tornando-se elemento de manutenção da fé, praticada na sua expansão, em casa, e em seu espaço mais nítido, o Santuário. Nesse sentido, tomamos como referência o Santuário de Frei Damião e seus devotos.

O Santuário de Frei Damião, na Capela de Nossa Senhora das Graças, situado no Convento de São Félix de Cantalice, no bairro do Pina, em Recife-PE, é o local onde se encontra o mausoléu com os restos mortais do frade capuchinho, que foi reverenciado por multidões em vida e que após a morte tem sido venerado por milhares de fiéis que para lá convergem em romaria a agradecer, visitar ou fazer promessas. Assim, foi consagrado o local como santuário oficial de Frei Damião, em que pese os demais espalhados pelo nordeste. O período de maior visita dos romeiros é maio, por ser o mês de aniversário de sua morte, especificamente entre 27 e 31 de maio e os meses de novembro e dezembro.

O Convento pertence à Ordem dos Capuchinhos, ramificação da Ordem Franciscana, aprovada pelo papa Clemente VII em 03/06/1528, pela bula *Religionis Zelus*. Tal ramificação resulta do desejo de observância às regras franciscanas sem interpretações e da manutenção do ideal missionário de pregações itinerantes.

O Convento de São Félix de Cantalice foi construído em 1969 pelo superior da ordem, frei Urbano, para sediar o Centro Antoniano, uma escola que também abrigava a casa dos frades brasileiros enquanto o Convento da Penha, sede da Província dos Frades Menores Capuchinhos do Nordeste, situada à praça D. Vital no bairro de São José em Recife, destinava-se a abrigar os frades italianos que eram mais numerosos.

O ano de 1981 marca a transferência dos frades brasileiros para o Convento da Penha e dos frades italianos para o Convento de São Félix de Cantalice motivada pelo aumento de vocações

nacionais. No ano de 1982 frei Damião juntou-se aos demais capuchinhos no convento do Pina, ano também da construção da Capela do Convento.

A estrutura física do Convento é composta por duas capelas, a do Convento e a Capela de Nossa Senhora das Graças. Encontramos também a casa dos frades, reformada em 1981; o Museu de Frei Damião (que outrora lhe serviu como residência) onde está um acervo constituído por fotos com familiares, nas missões e nos últimos momentos de sua vida, relíquias, e um espaço destinado a ex-votos. Uma estátua esculpida em pedra em homenagem ao capuchinho, o local de acender velas, um espaço destinado aos romeiros e sanitários também compõem a estrutura do Santuário. Nele encontramos ainda uma lojinha de venda de artigos religiosos, que tem sua renda revertida à causa de beatificação e canonização do religioso.

Nascido a 05 de novembro de 1898, em Bozzano na Itália, Pio Gianotti (Frei Damião) era filho dos camponeses Félix e Maria Gianotti. Começou a estudar religião aos 12 anos, na Escola Seráfica de Camigliano, ingressou na Ordem dos Capuchinhos aos 16 anos. Entretanto, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, foi convocado em 1917 a engrossar as filas do exército italiano só retornado à vida religiosa após o término do conflito.²

Em 05 de agosto de 1923, aos 25 anos, foi ordenado sacerdote pelo cardeal Basílio Pompili, na igreja de São Lourenço de Brindisi, em Roma. Fez o curso de Teologia no Colégio Internacional em Roma e doutoramento em Teologia Dogmática, Filosofia e Direito Canônico na Universidade Gregoriana. No ano de 1931, aos 33 anos, Frei Damião aportou no Recife, para onde havia sido designado com mais dois outros capuchinhos, a bordo do navio Conte Rosso.³

Uma vez em Pernambuco, Frei Damião iniciou seu trabalho missionário como haviam feito os missionários capuchinhos que aqui chegaram desde o século XVI⁴ e, como alguns deles marcou a história religiosa do Brasil, a exemplo de Martinho de Nantes, visitando todo o nordeste preocupando-se sempre em fazer com que os preceitos da igreja fossem conhecidos e praticados.

Em suas andanças pelo nordeste brasileiro, que adotou como sua terra, Frei Damião de Bozzano se tornou respeitado e reverenciado ainda em vida, arrastando multidões nas missões empreendidas, embora fosse rígido quanto aos dogmas da igreja e severo no que se refere a moral. Mas nem por isso seus devotos se afastavam, pelo contrário, em todas as suas missões sempre acorreram muitos peregrinos, que passavam horas na estrada apenas para ir visitá-lo ou acompanhar suas missões. Sentiam-se mais próximo do sagrado.

Assim é também hoje, nas romarias organizadas para visitar o santuário de Frei Damião no Convento de São Félix, embora este não seja o único no nordeste, pois, outras cidades ergueram monumentos em homenagem ao “santo das missões” e recebem visitas de devotos tornando-se também roteiro de romarias, como é o caso das cidades de Gravatá-PE e Guarabira-PB, entre tantas que possuem um monumento a Frei Damião, a exemplo de Juazeiro-CE, São José do Belmonte, etc.

A atribuição de milagres a Frei Damião não é um fato apresentado após sua morte. Ainda vivo já era tido por santo e intercessor perante Deus, milagreiro, inspirava temor como verifica Prof. Abdalaziz de Moura, ITER, Recife em um texto:

*“A relação dos fiéis para com ele é semelhante à relação dos fiéis para com os santos venerados na igreja católica. As pessoas acreditam e têm fé em FD como acreditam e têm fé em Santo Antonio, São Francisco de Assis ou Padre Cícero. O mesmo se diga do temor. Temem-no como a um santo...”*⁵

Este sentimento é revelado nas histórias contadas por romeiros devotos e na forma como os fiéis se posicionam com relação ao capuchinho. Uma pesquisa realizada no ITER (Instituto de Teologia do Recife) em 1988 por seminaristas registrou 80 milagres atribuídos ao Frei Damião que vão desde curas a fenômenos da natureza, chuvas na estiagem.⁶

Apoiando-se na relação dos milagres a ele atribuídos, cinco anos após sua morte, em 31/05/2002 se deu andamento ao processo de beatificação e canonização, sendo solicitado pela Arquidiocese de Olinda e Recife a autorização à Sagrada Congregação das Causas dos Santos, no Vaticano, para o processo. Foram selecionadas 40 testemunhas entre frades, religiosos, bispos, sacerdotes, leigos, dos mais diversos lugares e que tiveram maior proximidade com Frei Damião.

O processo da Causa de Beatificação e Canonização do frade capuchinho, do qual é Vice-Postulador o Frei Rinaldo Pereira, do mesmo Convento teve sua abertura oficial no sexto aniversário de morte de Frei Damião. Após o reconhecimento pelo Vaticano da heroicidade das virtudes de Frei Damião, ficará faltando uma outra etapa, que corresponde a verificação da autenticidade dos milagres a ele atribuídos, passo final para canonização.

Este é um momento rico para nossa pesquisa, por se tratar de um momento em que estamos acompanhando a abertura do processo de beatificação e possível canonização de Frei Damião, dito de outra maneira, será a oficialização de um santo que o povo católico nordestino, aqui entendido como formado por romeiros ou paroquianos, sem distinção de classe, já santificou.

O túmulo de Frei Damião é visitado também por paroquianos os quais não só participam das missas mas também, vivenciam o sagrado de forma semelhante aos romeiros. Até onde foi possível, pudemos realizar entrevistas que ajudam a traçar o perfil das pessoas que freqüentam o Convento. Entre freqüentadores encontramos de jovens a idosos e de diferentes níveis de escolaridade. Isso nos mostra a importância de trabalhar devoção numa perspectiva mais abrangente, no sentido de entendê-la como fenômeno que não se restringe a estratificação social de classes sociais.

Ali no santuário de Frei Damião, a relação estabelecida entre o devoto e o santo é expressa por ex-votos, bilhetes ao santo, reza de orações que o frade gostava e mandava que fossem rezadas, e mais, pelas relíquias guardadas no Museu de Frei Damião, no Convento. Os relatos de graças e

milagres alcançados são uma constante, e os romeiros, sem distinção, sintonizados pela mesma fé agradecem individualmente e em conjunto ao “santo” - Frei Damião.

Um dado importante a se notar é que a romaria não representa apenas a devoção a um santo, ela caracterizada também pela fadiga, o cansaço que marca o romeiro nos momentos finais de visitação e que se prolonga até seu local de destino, a sua casa. Mas esse aspecto torna-se irrelevante diante de sua devoção, chama viva para o santuário.

Até onde vai nossa pesquisa temos seguido essa metodologia na expectativa de compreender não apenas devoção, mas também, o romeiro, outros devotos e o santuário, que no nosso caso, é um santuário recente, com santo ainda não oficializado.

Para melhor entendermos a temática que estamos a abordar dentro de uma História Social da Cultura, realizamos um estudo bibliográfico que veio acompanhado por uma pesquisa in loco, onde o uso da História Oral se faz imprescindível no contato com os romeiros, sendo registradas entrevistas e aplicados questionários escritos como complementação. É o romeiro o sujeito nessa história de manutenção do santuário, sua devoção ao santo é elemento constitutivo do santuário, no qual podemos observar sua relação com o sagrado. Observar como ele se comporta diante do santificado, com a presença dos elementos terra, fogo e água, ajuda a entender a relação por ele mantida.

É partindo da experiência registrada, de uma diversidade social no santuário, procuramos adotar a perspectiva de circularidade, pois, a devoção assim como cultura está aquém da limitação social. Dizer que há uma cultura erudita plena, ou que há uma cultura popular autêntica, pura, sem que se reflita em ambas uma confluência de idéias é, de algum modo, segregar as manifestações culturais de uma sociedade, da mesma forma, pensemos a religiosidade.

A devoção como característica integrante do catolicismo contém em sua essência, ora elementos de uma dita “religião popular”, ora elementos da “religião oficial”. O catolicismo romanizado que a Igreja no Brasil em finais do século XIX e início do século XX se preocupou em fazer aplicar, buscava retirar dos leigos a administração de santuários e submeter ao seu domínio as romarias.⁷

Não queremos tratar de uma religiosidade popular como muito foi discutido no Brasil, tendo a palavra povo como identificadora característica das camadas inferiores da sociedade e, portanto, desconhecendo nela as demais camadas sociais. Isso porque percebemos no santuário a presença de romeiros devotos de classes distintas, levados ali pela mesma fé, muito embora, haja uma presença mais forte de uma camada de classe baixa.

Carlo Ginzburg em sua obra *O Queijo e os Vermes*, aborda a questão cultural dentro da perspectiva de circularidade, pela qual passa a questionar a divisão instituída por estudiosos entre o que chamam de “cultura popular” ou “cultura das classes subalternas” e “cultura erudita” ou

“dominante”. Tal divisão resulta para ele, da adoção de um conceito que “*corresponde a uma visão aristocrática de cultura*”⁸ mas que, “*seria bem mais frutífera a hipótese formulada por Bakhtin de uma influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante*”⁹.

Nesse sentido, entendemos que falar da prática devocional no catolicismo não significa excluir desta determinados segmentos da população. As caracterizações que dela demanda não impede que haja um movimento de mão dupla na religiosidade dos devotos e em sua relação com o santo, significando este movimento a adoção comum de determinadas práticas religiosas.

Notas

¹ OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. *Francisco: O Santo vivo dos devotos*. Fortaleza: Edições Livro Técnico / Premium, 2ª edição, 2001. p.186.

² OLIVEIRA, Gildson. *Frei Damião: O Santo das Missões*. São Paulo: FTD, 1997.

³ Idem.

⁴ HOORNAERT, Eduardo e AZZI, Riolando. *História da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 4ª ed. , 1992.

⁵ MOURA, Abdalaziz de. *Frei Damião e os impasses da religião popular*. REB, Vol. XXXVI, Petrópolis: Vozes, 1976. pp. 202-225.

⁶ OLIVEIRA, Gildson. Op. Cit.

⁷ OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. Op. Cit.

⁸ GINBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 17.

⁹ GINZBURG, Carlo. Op. Cit. p. 25.

Referências bibliográficas

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna. Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOORNAERT, Eduardo e AZZI Riolando. *História da Igreja no Brasil*, Tomo II/1. Petrópolis: Vozes, 4ª ed. , 1992.

MOURA, Abdalaziz de. *Frei Damião e os impasses da religião popular*. REB, Vol. XXXVI, Petrópolis: Vozes, 1976. pp. 202-225.

OLIVEIRA, Gilson. *Frei Damião: O Santo das Missões*. São Paulo: FTD, 1997.

OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. *Francisco: O Santo vivo dos devotos*. Fortaleza: Edições Livro Técnico/ Premium, 2ª ed. ,2001.

SOUTO MAIOR, Mário. *Frei Damião: um Santo?*, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 1998.